

País tem menor investimento desde 1947

Segundo estimativa do Ipea, Brasil investiu em 1992 14,4% do Produto Interno Bruto, cerca de US\$ 50 bi

Editoria de Arte/Folha Imagem

Bolsa pode perder capital dos EUA

ANTONIO CARLOS SEIDL

Da Reportagem Local

A alta inflação, a falta de uma ampla reforma tributária, crescimento lento e uma grande dúvida sobre as verdadeiras intenções do governo são fatores que podem levar os investidores institucionais dos EUA a preferir outros mercados de ações da América Latina em detrimento do Brasil.

A avaliação é de Murray Steinberg, diretor-geral de operações de custódia do Bank of Boston, durante o seminário "Como operar com investidores estrangeiros", realizado ontem na Bolsa de Valores de São Paulo com o co-patrocinio da Bolsa do Rio e do Banco de Boston. Ele disse que os investimentos das instituições financeiras dos EUA nas Bolsas da América Latina deverão crescer 20% em 1993. Segundo ele, os investimentos em 92 chegaram a quase US\$ 40 bilhões.

"As reformas para a implan-

tação de economias de mercado na América Latina encorajaram a volta dos investidores estrangeiros, mas eles têm dúvidas se as reformas serão permanentes". Quanto ao Brasil, Steinberg disse que a transição democrática de governo "impressionou a comunidade internacional". Desde então, observou, "a impressão popular sobre o Brasil é mista". Isso porque, afirmou, enquanto outros países da região, como Chile e México, mostram vigor econômico, "o caminho de futuras reformas no Brasil continua indefinido".

Steinberg disse que a inflação brasileira preocupa os investidores estrangeiros. Apesar desses problemas, ele disse que os investidores estrangeiros têm esperança no Brasil. "Se o Brasil mantiver a desregulamentação do mercado de capitais e controlar os gastos públicos, o país poderá ter taxas de crescimento mais altas do que as comuns na Ásia".

Da Sucursal do Rio

A taxa de investimento da economia brasileira em 1992 foi de 14,4% do PIB (produto interno bruto), a menor desde 1947, quando começaram a ser feitas as estatísticas do PIB pelo IBGE. A taxa de 14,4 foi estimada pelo Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), órgão do Ministério do Planejamento. O número oficial do IBGE ainda não foi divulgado.

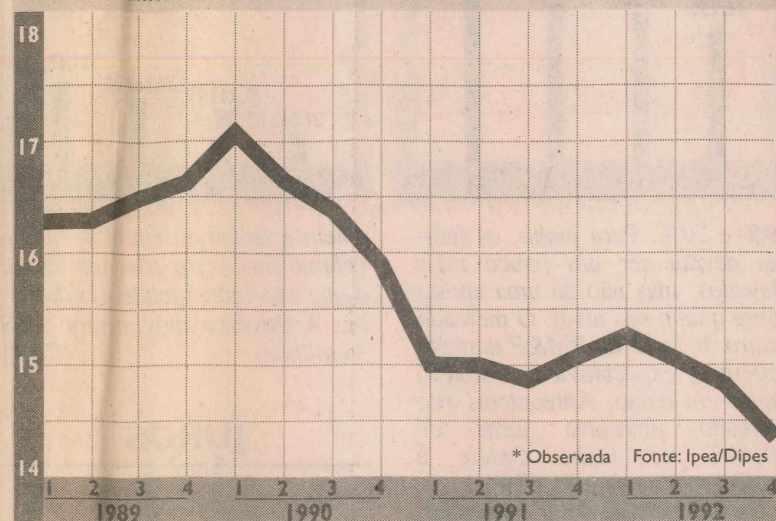
Segundo Cláudio Considera, coordenador do grupo de acompanhamento conjuntural do Ipea e ex-chefe do Departamento de Contas Nacionais do IBGE, o acompanhamento do Ipea é feito com base em um modelo semelhante ao do IBGE, mas menos abrangente. Ele afirmou que não se pode falar em retomada do crescimento enquanto não houver uma recuperação no investimento.

A taxa do ano passado é mais de 11 pontos percentuais inferior ao pico registrado em 1975, quando o país destinou aos investimentos cerca de 25,7% do seu PIB. Em um suplemento especial editado em outubro do ano passa-

CAEM OS INVESTIMENTOS

% do PIB

Média dos últimos 4 trimestres



* Observada Fonte: Ipea/Dipes

do o Ipea considerou "alarmante a redução da capacidade de investimento da economia brasileira" na atual década.

Tomando-se por base um PIB constante de US\$ 350 bilhões, é como se o volume da produção total do país destinado aos investimentos tivesse caído de US\$ 90 bilhões em 75 para US\$ 50,4 bilhões em 92 —redução de 44%.

Os números atuais são inferiores até mesmo aos da década de 80, quando a taxa média foi de 18,3%, contra 23,3% na década de 70. Segundo o Ipea, o problema é agravado por uma queda de qualidade dos investimentos, com redução nos gastos com máquinas e equipamentos em favor da construção civil.

Outro agravante, segundo o

Ipea, foi a redução no ritmo de incorporação de tecnologia avançada. O órgão chegou a essa conclusão constatando que vem caindo sistematicamente a participação dos bens de capital (máquinas e equipamentos) importados no total de investimentos.

Na década de 70 eles representavam cerca de 23%, contra 11% na década de 80 e 9% no começo desta década.

A taxa de investimento medida pelo Ipea foi de 14,3% no último trimestre de 92, ligeiramente inferior à média do ano mas 0,2 ponto percentual maior que os 14,1% obtidos no terceiro trimestre.

Considera disse que ainda é muito cedo para se dizer que essa elevação aponte para uma recuperação da economia. Primeiro, porque a diferença cabe na margem de erro do modelo. Segundo, porque não estão dadas as condições necessárias para a recuperação de investimentos, que passam por um ajuste geral da economia. "A retomada dos investimentos vai acontecer na esteira de um processo mais amplo. Ela é decorrência", afirmou.